

## Poetas “Malditos” nos Trópicos: uma Leitura Comparatista entre Augusto dos Anjos e Da Costa e Silva

Lauro Meller (PUC-MG)

### Introdução

Neste trabalho, pretendemos apresentar, sob uma óptica comparatista, as produções poéticas de dois autores do início do Século XX, nessa fase de transição relativamente pouco estudada, o Pré-Modernismo. São eles Augusto dos Anjos, “O Poeta da Morte e da Melancolia”, autor de obra única, *Eu* (1912), e Antonio Francisco da Costa e Silva – ou simplesmente Da Costa e Silva – talvez menos conhecido, cujo trabalho de estréia, *Sangue*, veio à luz em 1908. Além de contemporâneos, são quase conterrâneos: Augusto dos Anjos nasceu no Engenho Pau D’Arco, interior da Paraíba, em 1884, enquanto que Da Costa e Silva é natural de Amarante, no Piauí, em 1885.

Deixando de lado as coincidências biográficas, o que nos interessa, de fato, é investigar até que ponto é possível traçar um parentesco entre as *obras* de ambos os autores. O título do volume de estréia de Da Costa e Silva, bem como de vários dos poemas ali contidos despertaram nossa suspeita de que haveria alguma semelhança entre a sua escrita e a do autor de “Versos Íntimos”. É mesmo de se pensar que ambos produziram, em maior ou menor grau, sob a égide da poética baudelairiana. Mas o modo como essa possível influência transparece na obra de ambos já lhes constitui um traço diferenciador. Enquanto o tom mórbido e angustiado é uma constante em Augusto dos Anjos (pelo menos na maior parte dos poemas “maduros”, isto é, aqueles por ele selecionados para integrarem o *Eu*, em sua edição de 1912), esse gosto pelo pessimismo e pelo escatológico é eventual no poeta piauiense, revelando-se apenas em sua produção inicial.

Da Costa e Silva, que viveria até 1950, teve, ao contrário de seu colega paraibano, a oportunidade de produzir outras obras, mas que, no conjunto, carecem de unidade de estilo. Consultando o volume de suas poesias completas – que utilizamos como base para este trabalho –, temos mesmo a impressão de que o poeta piauiense tornou-se esteticamente mais conservador com o passar dos anos. Em Augusto,

podemos perceber, em sua breve mas prolífica carreira, o processo inverso: as “Outras Poesias”, e, principalmente, os “Poemas Esquecidos”, que foram acrescentados às edições póstumas, e que provavelmente foram escritos ainda na fase de maturação do poeta, são composições de talhe mais Simbolista, apresentando inclusive um repertório lexical mais ortodoxo se comparado com a plethora de termos cientificistas e escatológicos pelos quais ficou conhecido.

Em qualquer dos casos, toda a obra de Augusto dos Anjos foi forjada em molde parnasiano, seguindo uma metrificacão rigorosa e privilegiando o soneto, embora haja vários (e excelentes) poemas de maior fôlego. Da Costa e Silva, também herdeiro do Parnasianismo e do Simbolismo, privilegiou as formas fixas, embora tenha tentado explorar, ainda que esporadicamente, a espacialização das palavras na página – possivelmente influenciado pela leitura de Mallarmé – em poemas como “Madrigal de um Louco”, “Hino ao Sol”, “Hino ao Mar” e “Hino à Terra”.

Para o enfoque que ora nos interessa – o de examinar a poesia do Da Costa e Silva da fase pré-modernista em diálogo com a produção de Augusto dos Anjos –, detivemo-nos aos poemas publicados no já citado livro *Sangue*, e selecionamos alguns poemas publicados posteriormente que, por afinidade temática ou de estilo, também se prestam à nossa proposta de análise. Quanto a Augusto dos Anjos, tomaremos por base o volume de sua *Obra Completa*, restringindo-nos aos poemas que compõem o *Eu*, conjuntamente com as *Outras Poesias* e os *Poemas Esquecidos*.

Antes de iniciarmos nossa análise, esclarecemos que nossa sistemática de trabalho será a de inventariar alguns temas freqüentes nas obras de ambos os poetas, tomando como fio condutor os poemas de Da Costa e Silva, e entremeando sua análise com poemas de Augusto dos Anjos que guardem alguma relação com aqueles, mas apontando, todavia, o tratamento utilizado por cada um dos autores em foco, a fim de ressaltar suas idiossincrasias.

## **A Condição Humana**

A questão existencial é um assunto-chave em poesia, e é esse tema, acompanhado de seus desdobramentos – a morte, a solidão, o amor não-correspondido, a angústia existencial – que motiva os dois autores em tela. Entretanto, há certa diferença de abordagem entre eles, uma vez que, se em Da Costa e Silva percebe-se, mesmo na discussão existencial, alguns laivos de otimismo, essa postura só muito

raramente transparece na poesia de Augusto dos Anjos. Este, apesar de eventualmente se deixar contaminar por uma óptica religiosa (de orientação católica), é predominantemente guiado por um instinto materialista e niilista. Da Costa e Silva, por sua vez, transita com mais frequência entre o niilismo e a esperança, entre o pessimismo e a fé.

O poema de abertura do volume *Sangue*, de Da Costa e Silva, “Cântico do Sangue”, busca dialeticamente sintetizar, nessa “essência misteriosa”, a condição a um só tempo material e metafísica do homem. Essa tentativa de síntese entre material e imaterial faz-se clara por aproximações como “sangue” e “sentimento”, “coração” e “pensamento”, “alma” e “matéria”, “emoção” e “ventrículos”, “idéias” e “artéria”. Vejamos suas três primeiras estrofes:

“Sangue! Essência vital do sentimento,  
Que, rubra, móvel, plástica, incendiada,  
Sobe do coração ao pensamento,  
Circulando nos vórtices da vida

Vida das vidas, alma da matéria,  
Que da emoção das ondas encadeia,  
Fluindo dos ventrículos à artéria,  
Refluindo da artéria para a veia.

Essência misteriosa e procriadora,  
Vida difusa a errar em frágeis veios,  
Que as idéias inflama e os olhos doura:  
- Orvalho níveo dos maternos seios.”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 49)

Enquanto Da Costa e Silva tenta conciliar as esferas física e metafísica, que encontrariam, no sangue, uma possível síntese, Augusto dos Anjos vê nesse dualismo motivo para angústia. Em “Vítima do Dualismo”, afirma:

“Ser miserável dentre os miseráveis

- Carrego em minhas células sombrias  
Antagonismos irreconciliáveis  
E as mais opostas idiossincrasias!”

(ANJOS, 1994, p. 340)

Essa impressão se confirma em “Contrastes”:

“A antítese do novo e do obsoleto,  
O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina,  
O que o homem ama e o que o homem abomina,  
Tudo convém para o homem ser completo.

O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto,  
Uma feição humana e outra divina,  
São como a eximenina e a endimenina  
Que servem ambas para o mesmo feto! [...]”

(ANJOS, 1994, p. 260)

Voltando a “Cântico do Sangue”, notamos que referências a uma “substância essencial” são também encontradas em versos de Augusto dos Anjos, sendo que, neste, em vez de haver uma apologia à sua força (pro)criadora, há a sugestão de uma matéria infértil e desperdiçada, como se a própria concepção não passasse de um acidente e o “Não-Ser” fosse nossa verdadeira vocação. Sobre essa “substância essencial”, anotamos, em Augusto dos Anjos, o poema de abertura do *Eu*, “Monólogo de uma Sombra”:

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Pólipo de recônditas reentrâncias,  
Larva do caos telúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segredo,  
*Da substância de todas as substâncias!*”

(ANJOS, 1994, p. 195, grifo nosso)

No soneto que dedica ao filho natimorto, Augusto volta ao assunto, mas, desta vez, pela condição do objeto retratado, reduz a natureza humana a um amontoado de substâncias:

“Agregado infeliz de sangue cal,  
Fruto rubro de carne agonizante,  
Filho da grande força fecundante  
De minha brônzea trama neuronal.”

(ANJOS, 1994, p. 207)

Essa natureza orgânica e decadente do homem é ainda referida por Augusto dos Anjos nos versos de “Mater Originalis”:

“Forma vermicular desconhecida,  
Que estacionaste, mísera e mofina,  
Como quase impalpável gelatina,  
Nos estados prodrômicos da vida”

(ANJOS, 1994, p. 227)

E ainda, em “A um gérmen”:

“Começaste a existir, geléia crua,  
E hás de crescer, no teu silêncio, tanto  
Que é, natural, ainda algum dia, o pranto  
Das tuas concreções plásmicas flua!”

(ANJOS, 1994, p. 316)

Fechando este breve inventário de poemas que de alguma forma se ligam aos versos de Da Costa e Silva em “Cântico do Sangue”, citemos, em Augusto dos Anjos, o soneto “A Obsessão do Sangue”:

“Acordou, vendo sangue... Horrível! O osso  
Frontal em fogo... Ia talvez morrer,  
Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço,  
Ah! Certamente não podia ser!

Levantou-se. E, eis que viu, antes do almoço,  
Na mão dos açougueiros, a escorrer  
Fita rubra de sangue muito grosso,  
A carne que ele havia de comer!

No inferno da visão alucinada,  
Viu montanhas de sangue enchendo a estrada,  
Viu vísceras vermelhas pelo chão...

E amou, com um berro bárbaro de gozo,  
O monocromatismo monstruoso  
Daquela universal vermelhidão!”

(ANJOS, 1994, p. 363)

A diferença de enfoque sobre um mesmo tema, em Augusto dos Anjos e em Da Costa e Silva, encontra nessa primeira aproximação um modelo que perceberemos ao analisarmos outros poemas. Em outras palavras, Da Costa e Silva, mesmo abordando temas a princípio mórbidos ou utilizando lexemas de algum modo considerados “chocantes” não desce, como Augusto dos Anjos, ao horror e ao niilismo absolutos, preferindo oferecer o tema para a seguir desconstruí-lo, apresentando alternativas de redenção. Assim, Da Costa e Silva vislumbra o sangue não como metáfora para a morte (como em Augusto dos Anjos), mas abstrai dessa imagem seu caráter vital. Mesmo a utilização de terminologia de gosto cientificista, quando descreve a sístole e a diástole (“Fluindo dos ventrículos à artéria, / Refluindo da artéria para a veia”) está a serviço da

afirmação da vida, e nisso Da Costa e Silva difere radicalmente de Augusto dos Anjos, em que as referências à anatomia são geralmente ligadas à decadência.

Pensando nos predecessores desses dois poetas, como os expressionistas alemães Gottfried Benn, Georg Trakl e Georg Heym, notamos um processo de amenização das imagens grotescas: enquanto que nos poetas alemães as cenas de decomposição parecem figurar apenas com a intenção de chocar, em Augusto dos Anjos essas mesmas imagens servem a uma discussão de ordem metafísica; em Da Costa e Silva, sublinha-se, dentro do possível, o lado positivo de nossa natureza orgânica. Assim, em vez de o sangue suscitar, no leitor, horror e repulsa, como nos versos de Augusto dos Anjos, Da Costa e Silva o define como “essência vital do sentimento”, “alma da matéria”, “essência misteriosa e procriadora”, “Rubro Estige espumoso da luxúria”, “Força despertadora dos sentidos”, “Térmica poeira liquefeita, insana, / Do turbilhão dos glóbulos vermelhos”, “Tépido arroio vivo e purpurino”, “Fonte de inspiração”, “Fluido genésico e fecundo”.

Ilustrando essa diferença de enfoque com mais alguns versos de Augusto dos Anjos, vejamos as duas primeiras estrofes de “Apóstrofe à Carne”, em que se confirma a intenção do poeta de relacionar nossa natureza material com nossa inescapável decadência física:

“Quando pego nas carnes de meu rosto,  
Pressinto o fim da orgânica batalha:  
- Olhos que o húmus necrófago estraçalha,  
Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto...

E o Homem – negro e heteróclito composto,  
Onde a alva flama psíquica trabalha,  
Desagrega-se e deixa na mortalha  
O tato, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!” [...]

(ANJOS, 1994, p. 312)

A percepção fragmentada do ser humano – não apenas o dualismo insinuado por Da Costa e Silva, entre matéria e espírito, mas a clivagem dessa própria matéria – é imagem recorrente em Augusto dos Anjos. No excerto transcrito acima, percebemos

essa técnica no verso final, e podemos encontrar outros exemplos em sua obra. Por exemplo, em “Versos a um Coveiro”, o poeta alude ao homem como “Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros” (ANJOS, 1994, p. 350); em “O Caixão Fantástico”, lemos: “Célere ia o caixão, e, nele, inclusas, / Cinzas, caixas cranianas, cartilagens [...]” (ANJOS, 1994, p. 231); e, em “Monólogo de uma Sombra”, ele nos oferece uma imagem fragmentada e decadente da natureza humana: “E o que ele foi: clavículas, abdômen, / O coração, a boca, em síntese, o Homem, / – Engrenagem de vísceras vulgares – / Os dedos carregados de peçonha, / Tudo coube na lógica medonha / Dos apodrecimentos musculares!” (ANJOS, 1994, p. 197).

Como afirmamos, esse olhar fragmentado do ser humano tende a ser mais generalizante em Da Costa e Silva, que normalmente se restringe a bipartir-lo por meio da dicotomia “matéria” / “espírito”. Contudo, identificamos uma ocorrência de processo semelhante ao utilizado por Augusto dos Anjos, em que as partes do corpo são nomeadas, uma a uma, sendo que, em vez de esse artifício nos sugerir, como em Augusto, decomposição, em Da Costa e Silva o olhar que passeia pelo corpo humano acaba por gerar um efeito erótico. Vejamos como isso ocorre, em “Anátema”:

“Persigam-te as prisões fortes do meu ciúme  
- Invisíveis grilhões de desejo e de zelo:  
Prendam-te as mãos, os pés, a cintura, o cabelo,  
O olhar, o gesto, a voz e o que em ti se resume.”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 58)

Teremos oportunidade, mais adiante, de tecer considerações sobre o tratamento dado, em ambos os autores, ao amor e ao erotismo. Por ora, julgamos oportuno um aparte para falarmos sobre o lugar ocupado pela natureza em suas obras poéticas.

### **Representações da Natureza: Sol / Lua, Dia/ Noite**

Em linhas gerais, percebemos que em Augusto dos Anjos a natureza é cenário ou metáfora para a angústia existencial. Da Costa e Silva, por outro lado, utiliza-se da natureza como tema de exaltação, chegando a compor, em seu segundo volume de



poesias, *Zodiaco* (1917), uma longa série de poemas – diríamos mesmo “odes” – dedicados à natureza.

Debrucemo-nos, primeiramente, sobre “Tarântula”, de Da Costa e Silva. Incluso em *Sangue*, é exemplar do modo como ele trata a natureza em sua poesia:

“Doudo, sonho que o Sol é a maior das aranhas,  
- Tarântula do Azul – a ígnea teia da Vida  
Tecendo caprichosa, a arrancar das entranhas  
Rubros fios de sangue e de luz difundida.

Urde os fios e os prende, elo por elo, à urdida  
Rede transluminosa, a alongar as estranhas  
Antenas de ouro e fogo, e com a trama tecida  
Estende véus iriais para além das montanhas...

Nessa teia de luz um mistério se encerra:  
Sabe-o a Aranha, cravando o enorme olhar que infunde  
A energia vital que há no ventre da Terra.

Aracnídeo exemplo, almo e agosto, desvendo  
No Sol, como a ensinar que tudo se fecunde  
Sempre, Aranha do Azul, véus de noiva tecendo...”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 53)

Causa estranhamento a bizarra metáfora proposta para o Sol, mas que se explica ao longo do poema. Identificamos, imediatamente, recurso semelhante ao empregado pelo autor na composição de “Cântico do Sangue”, em que ele se vale de uma imagem metafórica abstraindo-lhe conotações positivas, de força, de energia, de vigor. O Sol (e observe-se o emprego das letras maiúsculas, herança Simbolista, aliás, recurso também comum em Augusto dos Anjos) é uma “Tarântula” no sentido de que seus raios são como teias que tudo envolvem; mas, ao contrário do artrópode, que lança sua teia a fim de devorar sua presa, a “teia” urdida pelo sol mais se assemelha a um reconfortante abraço, emprestando energia vital a todos que alcança.

A imagem do Sol, em Augusto dos Anjos, cumpre papel bastante distinto. Como foi exposto anteriormente, o poeta do *Eu*, salvo em raríssimos momentos, utiliza-se da natureza apenas como cenário para as suas cismas existenciais. Naturalmente que o cenário noturno é seu espaço privilegiado, onde habitam os espectros e onde os pavores mais recônditos se revelam. Muitos de seus poemas se iniciam pelo anúncio dessa ambientação. Exemplifiquemos essa característica de sua poética com os primeiros versos de alguns de seus poemas:

“Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.”

(“O Morcego”, ANJOS, 1994, p. 203);

“Como uma cascavel que se enroscava  
A cidade dos lázaros dormia...”

(“Os Doentes”, ANJOS, 1994, p. 236)

“Noite no Egito. O céu claro e profundo  
Fulgura. A rua é triste. A Lua Cheia  
Está sinistra, e sobre a paz do mundo  
A alma dos Faraós vagueia.”

(“Uma Noite no Cairo”, ANJOS, 1994, p. 251)

“Noite. Da Mágoa o espírito noctâmbulo  
Passou de certo por aqui chorando!”

(“Insônia”, ANJOS, 1994, p. 294)

“Noite. Cruzes na estrada. Aves com frio...”

(“Viagem de um Vencido”, ANJOS, 1994, p. 358)

Apesar de se utilizar da velha metáfora dia-vida, noite-morte em um poema, “Insônia”, seu pessimismo schopenhaueriano acaba por contaminar até mesmo o dia, a luz, o sol, de modo que a morte e a destruição reinam absolutos em seus versos, não requerendo espaços ou horários privilegiados e não havendo, por extensão, qualquer

esperança de refúgio ou de salvação para o homem. Em “História de um Vencido”, escreve:

“Sol alto. A terra *escalda*: é um forno. A flama oriunda  
Da solar refração bate no mundo, acende  
O *pó*, aclara o mar e por tudo se estende  
E *arde* em tudo, mordendo a atra terra *infecunda*.”

(ANJOS, 1994, p. 470, grifos nossos)

E em “Gemidos de Arte”, associa o sol tropical não a imagens radiantes de energia vital, como em Da Costa e Silva, mas com uma força devastadora:

“Sol brasileiro! Queima-me os destroços!  
Quero assistir, aqui, sem pai que me ame,  
De pé, à luz da consciência infame,  
A carbonização dos próprios ossos!”

(ANJOS, 1994, p. 266)

Apesar do tom de exaltação que predomina nas referências à natureza na poesia de Da Costa e Silva, por nós referido até aqui, é possível identificar, em sua obra, momentos em que ele utiliza a natureza, nos moldes em que Augusto dos Anjos o faz, ou seja, como ambientação para a angústia do poeta. O soneto “Ante Noctem” exemplifica-o:

“Deu-me a Dor um burel; e eu, no claustro sombrio  
Da Noite, busco alívio à mágoa que me fere,  
Correndo as contas de ais do meu rosário pio,  
De olhos no azul, a orar, em triste miserere.

O vento uiva, o mar geme, anda no espaço um frio  
De morte. Quanto horror a noite me sugere!  
O Nunca-Mais de Poe! O eterno desvario

Das sinistras visões do meu Dante Alighieri!

E eu, absorto, a cismar no mutismo da Noite:

- A Torre de Marfim da Ventura, onde existe?

E o silêncio é um sarcasmo, um irônico açoite...

- Onde este Bem, Senhor? E o meu ser se confrange,

Descobrimo no céu, como um símbolo triste,

O crescente lunar em forma de um alfange...”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 81)

A semelhança da lua com uma foice, verdadeiro achado poético de Da Costa e Silva, é ecoado por Augusto dos Anjos em “Tristezas de um Quarto Minguante”, em que o formato da lua se lhe afigura como “sepulcral”. Vale ressaltar, outrossim, a explícita menção a Dante Alighieri e, também, a Edgar Allan Poe e seu célebre poema “The Raven” (“O Corvo”). A referência a Poe é especialmente interessante, por nos franquear acesso ao universo de influências do poeta (e se Da Costa e Silva cita Poe, certamente era leitor também de Baudelaire).

O ambiente noturno como cenário para a angústia, associado, muitas vezes, à sensação de *frio*, tanto em Da Costa e Silva como em Augusto dos Anjos, repete-se em “Canção da Noite”. Neste poema, há uma transição do tom de exaltação utilizado por Da Costa e Silva em seus poemas sobre a natureza para o tom angustiado que se verifica em Augusto dos Anjos. Esse *turning point* ocorre entre a terceira e a quarta estrofes. Note-se, também, nova alusão a Poe, que confirma a presença do autor de “O Corvo” no seu repertório:

“A noite cai, silente e queda...

As folhas secas, nos caminhos,

Cantam, em doudos torvelinhos,

Canções de seda.

Névoas nos flancos das colinas...

Véus de noivado nas montanhas...

Com a sutileza das aranhas,  
Quem tece a teia das neblinas?

Um luar de sonhos e de lendas  
Para nostálgicas baladas,  
Anda a espalhar pelas estradas  
Tules e rendas...

O mar soluça, rouco e turvo...  
E o vento, em ríspidos açoites,  
Diz que foi numa dessas noites  
Que Edgard Poe pensou *O Corvo*.

Noite de augúrios e de medos...  
Lembram fantásticos Hamletos  
Os perfis duros de esqueletos  
Dos arvoredos.

À beira-mar, triste e sombrio,  
Falo à mudez da noite calma;  
Punhais de dor entram-me n'alma,  
Crava-me a dor punhais de frio.

Tísico em tosse; e o luar de chapa  
A deitar cal no meu cabelo;  
E, frio, o luar na minha capa  
Parece gelo.

E nós, a sós, eu e a Saudade,  
- A vovozinha das memórias –  
A suspirar, contando histórias  
De uma fugaz felicidade...

Narra, entre lágrimas, o enterro

Do meu amor, há muito, longe...  
Ai! Desse amor que me fez monge  
Neste desterro!...

Diz que mamã tece o meu manto  
Roxo, inconsútil, com presteza,  
No tear antigo da tristeza,  
Com a linha clara do seu pranto.

- E vem-me à idéia a minha sorte:  
Poeta, a oscilar, desde menino,  
Entre os dois pólos do destino  
A vida e a morte.

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 100-101)

Como indica a última estrofe, Da Costa e Silva parece oscilar consideravelmente entre o tom trágico, mais próximo da poética de Augusto dos Anjos e presente apenas em sua produção inicial, e o tom conciliatório, que acabaria por se confirmar em seus trabalhos posteriores, ora nos apresentando uma natureza acolhedora e irradiadora de energia vital (como nos poemas de *Zodiaco*, mencionados mais acima, e também em “Tarântula”, já analisado), ora representando-a como ambiente inóspito.

Em Augusto dos Anjos, ao contrário, a Natureza é predominantemente percebida como uma adversária, como podemos confirmar em “Poema Negro”: “Com teu chicote vil de madrasta / Tu me açoitaste vinte e duas vezes” (ANJOS, 1994, p. 287). As imagens associadas ao frio e ao desconforto físico (que percebemos em “Canção da Noite”, transcrito acima) são também constantes em Augusto dos Anjos como, por exemplo, em “Solitário”:

“Como um fantasma que se refugia  
Na solidão da natureza morta,  
Por trás dos ermos túmulos, um dia,  
Eu fui refugiar-me à tua porta.

Fazia frio, e o frio que fazia  
Não era esse que a carne nos conforta...  
Cortava assim como em carniçaria  
O aço das facas incisivas corta!” [...]

(ANJOS, 1994, p. 226)

A natureza, enfim, figura de maneiras distintas nas obras dos poetas ora estudados. Se Da Costa e Silva filtra a beleza existente na sinergia destruidora da ventania, da enchente e a queimada, Augusto dos Anjos antevê destruição mesmo quando o cenário não o indica. Não há atitude contemplativa, como em Da Costa e Silva (seu poema mais conhecido, “Saudade”, é uma exaltação de sua terra natal). Em Augusto dos Anjos o que há, predominantemente, é a percepção de que a natureza, sua inimiga, vencerá a “orgânica batalha”, existindo ainda quando dele não restar mais que pó.

Cabe ressaltar, entretanto, que em alguns poemas ele tenta desesperadamente uma conciliação com essa condição, por via do Monismo (a doutrina segundo a qual tudo emerge de uma única substância), procurando conforto no fato de que ele de algum modo ainda estará presente nesse cenário após a sua morte. Em “Debaixo do Tamarindo”, por exemplo, afirma:

“Quando pararem todos os relógios  
De minha vida, e a voz dos necrológios  
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade  
Abraçada com a própria eternidade  
A minha sombra há de ficar aqui!”

(ANJOS, 1994, p. 210)

É de se perguntar se existe, no poeta do *Eu*, a resolução do conflito existencial por via do Monismo. Parece-nos que, até pela oscilação entre poemas que afirmam uma continuidade do ser na natureza e outros que apostam em seu aniquilamento, Augusto dos Anjos não chega a conciliar esses dois pontos de vista – mas é justamente nessa

irresolução que reside uma das forças-motrizes de sua obra: a do artista sempre em busca de respostas.

### **O Amor Irrealizado, A negação do Erotismo**

Detenhamo-nos, ainda, a um quarteto de “Canção da Noite”, em que Da Costa e Silva afirma que o vento “Narra, entre lágrimas, o enterro / Do meu amor, há muito, longe... / Ai! Desse amor que me fez monge / Neste desterro!...”. A temática da “Morte da Amada”, ou da morte como empecilho à concretização do amor, que, desde o mito de Orfeu e Eurídice vem inspirando versos de poetas os mais variados, confirma-se nesta passagem de Da Costa e Silva, com uma particularidade: a impossibilidade de consumação do amor converte-se em recolhimento, canaliza-se em isolamento (nos versos do poeta de Amarante, o bardo recolhe-se a um mosteiro, o que nos remete, ainda que remotamente, à história de Abelardo e Heloísa). Identificamos essa temática também em Augusto dos Anjos, em poemas como “O Coveiro”:

“Uma tarde de abril suave e pura  
Visitava eu somente ao derradeiro  
Lar; tinha ido ver a sepultura  
De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro  
Com a cabeça para o chão pendida;  
Eu senti a minh’alma entristecida  
E interroguei-o: ‘Eterno companheiro

Da morte, quem matou-te o coração?’  
Ele apontou para uma cruz no chão,  
Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada gravemente,  
Balbuciou, sorrindo tristemente:  
‘Ai! Foi por isso que me fiz coveiro!’”



(ANJOS, 1994, p. 383)

É bastante incomum encontrar em Augusto dos Anjos quaisquer referências de cunho erótico. Esse traço de sua escrita já mereceu, inclusive, um estudo psicanalítico que atribui ao sentimento de culpa a essa negação da sexualidade (VIANA, Chico. *O evangelho da podridão: melancolia e culpa em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Ed. UFPB, 1994). De fato, procedendo à leitura de alguns poemas que aparentemente sugeririam algum vestígio de erotismo, logo se revela uma voz que censura os atos ligados à libido. Assim, em “A Meretriz”, o não-cumprimento de sua função (bíblica e biológica) de procriar resulta em punição:

“A rua dos destinos desgraçados  
Faz medo. O Vício estruge. Ouvem-se os brados  
Da danação carnal... Lúbrica, à lua,  
Na sodomia das mais negras bodas,  
Desarticula-se, em coréias doudas,  
Uma mulher completamente nua!

É a meretriz que, de cabelos ruivos,  
Bramando, ébria e lasciva, hórridos uivos  
Na mesma esteira pública, recebe,  
Entre farraparias e esplendores,  
O erotismo das classes superiores  
E o orgasmo bastardíssimo da plebe!” [...]

(ANJOS, 1994, p. 319)

Ou, ainda, em “O Lupanar”:

“Ah! Por que monstruosíssimo motivo  
Prenderam para sempre, nesta rede,  
Dentro da ângulo diedro da parede,  
A alma do homem polígamo e lascivo?!

Este lugar, moços do mundo, vede:  
É o grande bebedouro coletivo,  
Onde os bandalhos, como um gado vivo,  
Todas as noites, vêm matar a sede!

É o afrodisíaco leite do hetairismo  
A antecâmara lúbrica do abismo,  
Em que é mister que o gênero humano entre,

Quando a promiscuidade aterradora  
Matar a última força geradora  
E comer o último óvulo do ventre!”

(ANJOS, 1994, p. 228)

Em Da Costa e Silva, por outro lado, o erotismo é um tema mais ou menos recorrente, mas geralmente moldado segundo preceitos Simbolistas, isto é: o objeto do desejo sexual desse eu lírico é quase sempre inatingível, sendo a imagem da virgem aquela preferida pelo poeta. Em “Deusa Pagã”, temos:

“Casto Esplendor da Carne, quando assomas,  
Na deslumbrante perfeição que trazes  
No corpo excelso, bamboleando as pomas,  
Sinto volúpias cálidas, audazes...

Coloco-te nas fúlgidas redomas  
Do Verso, e no turíbulo das frases  
Queimo-te o incenso de florais aromas:  
- Cravos, magnólias, trevos e lilases.

Na doce extrema-unção do Sensualismo,  
És tu a Fé suprema em que me abismo  
Na comunhão profana dos Desejos...

Nossa Senhora eterna do Pecado,  
Salve o teu vulto, angélico, sagrado,  
Na peanha de fogo dos meus beijos!”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 57)

A imagem da virgem, imaculado objeto do desejo, aparece ainda em “Virgo Imponderabilis”. Na terceira estrofe, temos:

“Com o meu olhar mordo-te o colo  
- Cisne com voz de um rouxinol,  
E ah! Que sabor de flor no pólo,  
Branca, de neve, à luz do sol!”

E a virgem resiste às investidas do pretendente, confirmando o tom Simbolista do poema:

“- Pérola em ondas de esmeralda –  
Tento abraçar-te e, por meu mal,  
Botão fechado de grinalda,  
Foges do tálamo nupcial.”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 92)

Como que se insurgindo contra essa resistência, e abraçando o princípio do *Carpe Diem*, o poeta adverte a amada da inexorabilidade da morte em “Post Mortem”. Transcrevemos, a seguir, o penúltimo terceto:

“O Orgulho derrotado, a inclemência do Verme,  
Ao roer-te a carne em flor, os lírios da epiderme,  
Mostrará como fica a Beleza vencida...”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 83)

Augusto dos Anjos também se vale do *Carpe Diem* na imagem da “virgem loura morta” (ANJOS, 1994, p. 412) e, de modo mais contumaz, num quarteto de “As Cismas do Destino”:

“Quantas moças que o túmulo reclama!  
E após a podridão de tantas moças,  
Os porcos espojando-se nas poças  
Da virgindade reduzida à lama!”

(ANJOS, 1994, p. 217)

Se em Da Costa e Silva há a expressão do desejo carnal – ainda que irrealizado – Augusto dos Anjos refuta quaisquer imagens de erotismo, sempre equacionando-o à decadência da carne. Por isso, a nudez feminina geralmente está associada à “meretriz” ou ao “lupanar”, e por sua decadência não nos inspira enlevo; ao contrário, causa-nos repulsa. Por exemplo, se os seios da amada são referidos por Da Costa e Silva como “pomas” que “bamboleiam” num “corpo excelso” de “deslumbrante perfeição” (“Deusa Pagã”), em Augusto dos Anjos a meretriz é retratada “Com as mãos chagadas, espremendo os peitos / Reduzidos, enfim, a âmbulas moles” (ANJOS, 1994, p. 319).

Como afirmamos, a conjunção carnal nunca é retratada sem que haja a subsequente punição, e ele faz questão de lembrar e relembrar que a beleza física é transitória. Em “Pecadora”, esse procedimento é evidente, logo a partir do título:

“Tinha no olhar cetíneo, aveudado,  
A chama cruel que arrasta os corações,  
Os seios rijos eram dois braços  
Onde fulgia o símb’lo do Pecado.

Bela, divina, o porte emoldurado  
No mármore sublime dos contornos,  
Os seios brancos, palpitanes, mornos,  
Dançavam-lhe no colo perfumado.

No entanto, essa mulher de grã beleza,  
Moldada pela mão da Natureza,

Tornou-se a pecadora vil. Do fado,

Do destino fatal, presa, morria

Uma noute entre as vascas da agonia

Tendo no corpo o verme do pecado!”

(ANJOS, 1994, p. 384).

É relevante observar, finalmente, que o amor irrealizado ocupa na poética de Da Costa e Silva posição central, não apenas na fase inicial dos poemas de *Sangue*, que vimos analisando, mas ao longo de toda sua obra. Por outro lado, a questão fulcral, para Augusto dos Anjos, é a condição humana, e nesse particular ele, num tom mais cru que o adotado por seu colega piauiense, freqüentemente reduz o homem à matéria bruta, não deixando espaço, como em Da Costa e Silva, para um amor que nos redime. Em Augusto dos Anjos, o amor, além de ser fonte de dor (pela morte da amada, como em “O Coveiro”, por exemplo) e de danação carnal (“A meretriz”, “O lupanar”) é, simplesmente, uma ilusão, assim como a própria vida. Encerremos nossas considerações sobre o amor, conforme tratado pelos dois autores ora estudados, transcrevendo a primeira estrofe de “Idealismo”, de Augusto dos Anjos, em que nega esse sentimento:

“Falas de amor, e eu ouço tudo e calo.

O amor na Humanidade é uma mentira.

É. E é por isto que na minha lira

De amores fúteis poucas vezes falo.”

(ANJOS, 1994, p. 229)

### **Além dos Umbrais**

Há alguns poemas de Da Costa e Silva cuja escolha vocabular e temática nos permitem uma aproximação mais direta com a poética de Augusto dos Anjos, principalmente naqueles poemas em que a influência baudelairiana se faz mais evidente. Iniciemos esta seção transcrevendo “Ironia Eterna”, de Da Costa e Silva:

“Alegria perpétua das ossadas  
Que, surgindo do lodo deletério,  
Macabramente, pelo cemitério,  
Gargalham chocalhantes gargalhadas...

Escárnio às ironias mais sagradas,  
Sarcasmo eterno, exótico e funéreo  
Do Carnaval da Morte e do Mistério  
Dentro do horror das noites apagadas...

Ironia feliz dos esqueletos  
Nus, sorrindo, funâmbulos e doudos  
Dentro dos muros lúgubres e pretos...

Ride, Visões sinistras, agoureiras...  
Pois que dos risos o melhor de todos  
É o riso escancarado das caveiras.”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 84)

O princípio da *Coincidentia Oppositorum*, por nós já referido anteriormente, confere força a estes versos, em que as medonhas figuras das caveiras parecem nos sorrir, como que a nos lembrar, sarcasticamente, que não podemos escapar à nossa condição de mortais. A figura da caveira como representação da morte também foi utilizada por Augusto dos Anjos, por exemplo, em “Idealismo”. É interessante percebermos a intenção dos autores de indicarem, na semelhança entre as caveiras, a universalidade da morte:

“Pois é mister que, para o amor sagrado,  
O mundo fique imaterializado  
- Alavanca desviada do seu fulcro –

E haja só amizade verdadeira  
Duma caveira para outra caveira,

Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!”

(ANJOS, 1994, p. 229)

Outro interessante recurso para tratar da morte é a partir da perspectiva de um eu lírico morto, que nos fala do além. Mas, ao contrário da jocosidade e da ironia do Brás Cubas machadiano, Augusto dos Anjos e Da Costa e Silva descrevem essa situação em tonalidades trágicas. Primeiramente, transcrevamos “Josafat”, penúltimo poema de *Sangue*:

“A trombeta fatal os meus ouvidos chumba.  
Sol poente. Eu moribundo. Entra o cortejo roxo  
Da Morte. O Padre meu irmão parece um mocho...  
Rezas, Viático, a Cruz – passaportes da Tumba.

Choro de minha mãe – arrulhos de columba  
Meus olhos a ninar... fecho-os ao claror frouxo  
Do círio bento e vejo, aos pulos, Satã Coxo,  
Em roda do meu leito, à espera que eu sucumba.

Deixa o corpo a alma e desce em espirais de tênia  
Aos círculos do Inferno, à maneira de um dobre  
De sino, aos giros no ar... Dante faz-me uma nênia,

Voltaire, a assobiar, traça-me o necrológio,  
Verlaine, Mallarmé, Cruz e Sousa, Anto Nobre  
Rezam juntos por mim num profano Eucológio.”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p.

101)

A pavorosa situação em que o eu lírico se encontra, moribundo e já vislumbrando Satã rondando seu leito de morte, ao mesmo tempo que nos facilita uma aproximação com as aflições do eu lírico em Augusto dos Anjos, permite-nos também

entrever marcas do Satanismo baudelaireano. Essa característica também transparece no título de seu soneto “Satã Moderno”, que nos faz pensar em “Budismo Moderno”, de Augusto dos Anjos, e que trata do amor não-correspondido.

Voltando à análise de “Josafat”, a luz flébil da vela – em contraste com a luz forte e radiante a que as mais variadas tradições religiosas associam à presença de um Ser Superior no momento da morte – já prenuncia o destino desse condenado. A referência ao grupo de poetas malditos que o aguardam no inferno indica-nos o repertório do Poeta, e a ausência de Baudelaire nesse rol é compensada pela presença do próprio Satã na cena.

Augusto dos Anjos também nos oferece uma composição em que um eu lírico nos fala do além, sendo que enquanto o poema de Da Costa e Silva tem um forte apelo visual, em “Vozes de um Túmulo” o autor opta por um tom mais reflexivo:

“Morri! E a Terra – a mãe comum – o brilho  
Destes meus olhos apagou!... Assim  
Tântalo, aos reais convivas, num festim,  
Serviu as carnes do seu próprio filho!

Por que para este cemitério vim?!  
Por quê?! Antes da vida o angusto trilho  
Palmilhasse, do que este que palmilho  
E que me assombra, porque não tem fim!

No ardor do sonho que o fronema exalta  
Construí de orgulho ênea pirâmide alta...  
Hoje, porém, que se desmoronou

A pirâmide real do meu orgulho,  
Hoje que apenas sou matéria e entulho  
Tenho consciência de que nada sou!”

(ANJOS, 1994, p. 259)



A angústia vivida pelo eu lírico por estar num cemitério é análoga à que sente por se perceber, agora, apenas “matéria e entulho”. O ambiente do cemitério lhe é estranho, assim como sua nova condição, e não se apresenta, num horizonte próximo, qualquer chance de redenção. Augusto confirma, neste poema, o tom niilista presente em várias de suas composições, apontando para uma total ausência de otimismo.

Da Costa e Silva, como já vimos, transita por entre imagens de dor e morte mas parece não suportar essa negatividade por muito tempo; em sua poética, tem-se a impressão (salvo em raras ocasiões, como em “Josafat”) de sempre haver uma “luz no fim do túnel”. O oposto desse raciocínio se aplica a Augusto dos Anjos, isto é, ele é essencialmente pessimista, permitindo-se alguma esperança muito esporadicamente.

O cemitério, para Augusto, é local de agonia e de sofrimento: o não-lugar, o reino do esquecimento. No soneto dedicado ao filho natimorto, declara:

“Porção de minha plásmica substância  
Em que lugar irás passar a infância,  
Tragicamente anônimo, a feder?!”

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,  
Panteisticamente dissolvido,  
Na noumenalidade do Não-Ser!”

(ANJOS, 1994, p. 207)

Da Costa e Silva nos oferece duas percepções bastante diferenciadas ao eleger o cemitério como ambientação. Primeiramente, em “Visões da Morte”, o poeta ecoa o mesmo tom augustiniano:

“Almas tristes, sinistras e angustiadas,.  
Almas sombrias dos desiludidos,  
Dos seres para sempre adormecidos  
Na poeira azul das eras apagadas.

Almas doudas de amor, martirizadas,  
Almas errantes dos incompreendidos  
Que hoje descansam frios, envolvidos

No sudário das noites desoladas.

Castas filhas do Medo e do Mistério,  
Duendes tremendos do Pavor, medonhos  
Espectros que vagais no cemitério...

Quão semelhantes sois, mudos, tristonhos,  
Nesse cortejo lúgubre e funéreo,  
À Procissão de Passos dos meus sonhos!”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 65)

Neste soneto, o cemitério é local de desolação, de olvido, de desamparo. Mas, conforme apontado anteriormente, parece-nos que ao longo do tempo Da Costa e Silva tratou de suavizar os matizes. Sua produção mais tardia é inegavelmente mais conservadora – em termos de forma, estilo e temática – e, para o caso particular de que vamos tratar, quando retoma a ambientação do cemitério (que é, por extensão, a própria morte), tenta construir uma imagem menos tenebrosa, e até mesmo acolhedora. É exatamente esse o processo que havia empregado em “Cântico do Sangue” e nos poemas que retratam os fenômenos naturais, isto é: em vez de lhes ressaltar o lado terrível, tenta amenizar essas imagens. A fim de contrastarmos essas duas posições do autor, comparemos “Visões da Morte”, transcrito acima, com “A Vigília do Silêncio”, a seguir, tendo ambos os poemas o cemitério como cenário:

“Apraz-me ouvir, às horas vespertinas,  
Quando o ocaso desmaia o azul sidéreo,  
O longo cantochão das casuarinas  
Na religiosa paz do cemitério.

As árvores, em murmuras surdinas,  
De um rumor elegíaco e funéreo,  
Falam de coisas mortas e divinas,  
Veladas pelas sombras do mistério.

A perscrutar as vozes do arvoredado,  
Na ânsia inquietante e céptica do sábio,  
Tento, ó Morte! saber o teu segredo.

Mas vejo, no alvo mármore das urnas,  
O Silêncio com o dedo sobre o lábio,  
Olhando as vagas solidões noturnas...”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p.

293)

Também em “De Profundis”, o cemitério é local de paz:

“Quanta luz, quanto amor dentro de um cemitério!  
E eu neste Horto da Vida, alma em dúvidas, anho  
Perdido; e a Morte a conduzir o seu rebanho  
Ao sol, à chuva, ao luar, ao Redil do Mistério.[...]”

(DA COSTA E SILVA, 2000, p. 79)

É curioso percebermos, finalmente, como o silêncio, que no primeiro poema *amordaçava* as almas (espectros *mudos* vagando pelo cemitério), é visto como suave repouso no segundo poema, noção reforçada por outros lexemas que também sugerem ausência de ruído, como “murmuras”, “surdivas”, “rumor”.

Encerremos esta seção – e nossa exposição – transcrevendo e comentando “Canção da Morte”, de Da Costa e Silva, que resume várias das características por nós aludidas anteriormente.

“Tenho uma noiva: é Dona Morte.  
Meu casamento vou fazer,  
Longe do mal, da humana sorte  
Lá, num castelo augusto e forte  
Do Reino Eterno do Não Ser.

Entre responsos e entre salmos  
Há de florir meu coração  
Em sonhos bons, desejos almos,  
No leito real dos Sete Palmos,  
Nas cinco tábuas de um caixão.

Quando eu dormir, tranqüilo, inerte,  
Quero que a noiva, dentre o pó,  
Me morda os trapos da epiderme...  
Penso num deus somente – o Verme,  
Que não respeita um só, um só.

Nas sensações do nosso enleio,  
Bródio carnal de lama e pus,  
Quero senti-la no meu seio,  
Nessa lascívia que há no anseio  
Vago dos braços de uma cruz.

A cova é o Exílio dos Exílios,  
Princesa Real do Nunca Mais.  
Ó Morte, almejo os teus idílios,  
Para te ver alongo os cílios  
E tenho instintos canibais.

Sim; que o teu ninho subterrâneo  
É o desafoço das paixões  
Do mundo vão, gozo instantâneo...  
Ah! quero os vermes no meu crânio  
Correndo-o todo, em procissões...

Cega-me o amor dos cemitérios,  
Surgindo, em chamas, do paul,  
Nos fogos-fátuos, nos sidéreos  
Clarões de amores deletéreos

- Beijo de Luz, Volúpia Azul.

No som da enxada do coveiro,  
Acha a mais bela das canções  
Meu coração, que é carpinteiro  
E faz caixões o dia inteiro,  
No funeral das ilusões.

Sob um dossel de casuarina  
E ciprestais, quero noivar,  
Ouvindo a música divina  
Das folhas mortas e a surdina  
Do vento a rir e a soluçar...

Quando o luar os meus frios ossos  
Ungir de névoa e de palor,  
Há de ninar os meus destroços,  
Mamãe rezando Padre-Nossos,  
Olhos boiando em luz e dor.

E o novo amor, novos assuntos,  
Morte, nos há de oferecer.  
Que bons amores de defuntos,  
Queixo amarrado e de pés juntos!...  
Amor melhor não pode haver.

Que o nosso tálamo bendito  
Traduza as leis do meu sentir:  
Seja este amor todo o meu rito,  
Mostre este gozo, almo, infinito,  
Minha caveira a rir, a rir...

Rouba-me a vida amarga, insana,  
Morte imortal, noiva gentil!

Prefiro a noite do Nirvana  
À fátua e irreal Vaidade Humana  
.....**Nihil!**"

(DA COSTA E SILVA, 2000, 76-77)

Este poema resume várias das características que listamos anteriormente a fim de aproximarmos os autores em foco. Embora em algumas passagens o poema apresente uma ironia caricatural que de certa forma sacrifica o tom solene que o tema pede (como, por exemplo, na referência a “Dona Morte” ou nos versos “Que bons amores de defuntos, / Queixo amarrado e de pés juntos!...”), o tom geral é pessimista, niilista. Essa leitura é corroborada por alusões ao “Reino Eterno do Não Ser”, “Princesa Real do Nunca Mais” (ainda uma alusão a Poe!) e pelo desfecho, reforçado pelo negrito e pela exclamação final, precedidos de silêncio, de vácuo: “.....**Nihil!**”.

O repertório lexical, que inclui “caixão”, “lama”, “pus”, “vermes”, “cemitérios”, “coveiro”, “funeral”, “ossos”, “defuntos” e “caveira” está bastante próximo daquele eleito por Augusto dos Anjos e, como no Poeta Raquítico, a natureza é cenário adverso, fato indicado por versos como “Ouvindo a música divina / Das folhas mortas e a surdina / Do vento a rir e a soluçar...” ou em “Quando o luar meus frios ossos / Ungir de névoa e de palor, [...]”.

De resto, poderíamos identificar, pontualmente, algumas imagens que aproximam os dois poetas, como aquela da caveira “a rir, a rir”; a figura do carpinteiro que faz caixões, assim como aquele de “Contrastes”, de Augusto dos Anjos (“E o carpinteiro que fabrica as mesas / Faz também os caixões do cemitério!...”, ANJOS, 1994, p. 260); a alusão ao verme como um deus (em Augusto dos Anjos, no poema “O Deus-Verme”); a universalidade da morte, associada à metáfora do canibalismo (Em “Canção da Morte”, no verso em que esse mesmo deus-verme não respeita “um só, um só”; em Augusto dos Anjos, noção expressa, por exemplo, numa passagem de “Poema Negro”: “É a Morte – essa carnívora assanhada – / Serpente má de língua envenenada / Que tudo que acha no caminho, come... / - Faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro, / Sai para assassinar o mundo inteiro, / E o mundo inteiro não lhe mata a fome!”).

Finalmente, essa poderosa imagem da devoração, que aparece no poema de Da Costa e Silva em versos como “Quero que a noiva, dentre o pó / Me morda os trapos da epiderme”, em “Ah! Quero os vermes no meu crânio / Correndo-o todo, em

procissões...” ou na menção a “instintos canibais” é freqüente em Augusto dos Anjos, como, por exemplo, no poema “À Mesa”, ou num dos sonetos dedicados ao pai, em que testemunha, tristemente, o destino do homem na cadeia universal: “Podre meu Pai!... E a mão que enchi de beijos / Roída toda de bichos, como os queijos / Sobre a mesa de orgíacos festins!...” (ANJOS, 1994, p. 270).

### **Considerações Finais**

Muitos outros poemas de Augusto dos Anjos e de Da Costa e Silva poderiam ser arrolados em perspectiva comparatista, mas preferimos deixar essa tarefa ao leitor que se sentir motivado a proceder a essas aproximações por conta própria. Esperamos que nossos comentários tenham aguçado a curiosidade daqueles que não são familiarizados com a poesia de Da Costa e Silva a conhecê-lo mais de perto, e que tenham despertado o desejo revisitar a obra de Augusto dos Anjos. A leitura dessas obras, separadamente ou sob óptica comparatista, nos ajuda a entender de que modo, partindo das estéticas propostas pelas escolas literárias do final do Século XIX, a poesia brasileira pouco a pouco foi reunindo elementos que lhe permitiram entrar, nas primeiras décadas do Século XX, na Modernidade.

### **Referências**

- ANJOS, A. dos. *Obra Completa*. (Org., fixação do texto e notas: Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- DA COSTA E SILVA, A. F. *Poesias Completas*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.